

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
DISCURSO DE PRIMAVERA
E ALGUMAS SOMBRAS

POSFÁCIO

Sérgio Alcides

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Série montanhas do Rio (Ponta do Morcego, Niterói)*,
1987, de Wanda Pimentel, acrílica sobre tela, 80×100 cm.
Coleção particular.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Huendel Viana

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Discurso de primavera e algumas sombras/ Carlos
Drummond de Andrade; posfácio Sérgio Alcides —
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2476-3

I. Poesia brasileira I. Alcides, Sérgio. II. Título.

14-06389

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

NOTÍCIAS DO BRASIL

- 13 Águas e mágoas do rio São Francisco
- 16 Num planeta enfermo
- 19 Kreen-akarore
- 20 As arcas e os baús
- 21 Triste horizonte
- 24 Receituário sortido
- 27 Jornal de serviço (Leitura em diagonal das
“Páginas amarelas”)
- 31 Ataíde à venda?
- 35 Um besouro em toda parte

OS MARCADOS

- 41 A casa de Helena
- 43 Pedro Nava a partir do nome
- 46 Em louvor de mestre Aires
- 47 Augusto Frederico Schmidt 10 anos depois
- 48 Perda
- 49 Murilo Mendes hoje/ amanhã
- 51 A Lúcio Cardoso (na casa de saúde)
- 52 Traços do poeta
- 53 Lembrança de Portinari
- 54 A falta de Erico Verissimo
- 55 Frutuoso Viana
- 56 Alagados da Bahia
- 57 A um contemporâneo
- 57 I — O sábio sorriso
- 58 II — Alceu na safira dos oitent’anos
- 61 Uma flor para Di Cavalcanti
- 62 Manuel Bandeira faz novent’anos
- 65 Folheando *Disegni*, de Kantor
- 66 A Abgar Renault

- 67 A Lourdes e Cassiano Ricardo
68 *Exercitia*, de José Geraldo Nogueira Moutinho
69 *O nariz do morto*
70 A paisagem no limite
71 Visão de Clarice Lispector
73 Um lírio, por acaso
76 Joan Crawford: *in memoriam*
77 Postal para Catherine
80 A voz
81 A Afonso Arinos, setentão

SÃO SEBASTIÃO E PECADORES DO RIO DE JANEIRO

- 87 Retrato de uma cidade
91 Elegia carioca
94 Alegria, entre cinzas

CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL

- 99 Branca Dias
101 Governador em viagem
103 Inconfidência Mineira
104 Fala de Chico-Rei

ASSIM VAI (?) O MUNDO

- 109 Ultratelex a Francisco
112 Mal do século
113 Antibucólica 1972
115 Entreato de paz
117 Todo mundo e ninguém (*Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente)
120 Microlira
120 Infatigável
120 Indagação
120 Sussurro
121 Recomendação
121 O comércio da privacidade
122 A grande manchete

MÚSICA DE FUNDO

- 127 A palavra mágica
128 O constante diálogo
129 Som
130 A casa do jornal, antiga e nova
134 E aconteceu a Primavera
139 Retrolâmpago de amor visual
144 Exorcismo
146 A rosa é um jardim
147 Receita de Ano Novo
149 Ceia em casa de Simão (Evangelho de Lucas, VII, 36-50)
153 Os namorados do Brasil
157 A música da terra
- 159 Posfácio
Canto circunstancial,
SÉRGIO ALCIDES
- 177 Leituras recomendadas
178 Cronologia
184 Crédito das imagens
185 Índice de títulos e primeiros versos

NOTÍCIAS DO BRASIL

ÁGUAS E MÁGOAS DO RIO SÃO FRANCISCO

Está secando o velho Chico.
Está mirrando, está morrendo.

Já não quer saber de lanchas-ônibus,
nem de chatas e seus empurradores.
Cansou-se de gaiolas
e literatura encomiástica
e mostra o leito pobre,
as pedras, as areias desoladas
onde nenhum caboclo-d'água,
nenhum minhocão ou cachorrinha-d'água,
cativados a nacos de fumo forte,
restam para semente
de contos fabulosos e assustados.

Ei, velho Chico,
deixas teus barqueiros e barranqueiros na pior?
Recusas pegar frete em Pirapora
e ir levando pro Norte as alegrias?
Negas teus surubins, teus mitos e dourados,
teus postais alucinantes de crepúsculo
à gula dos turistas?
Ou é apenas
seca de junho-julho para descanso
e volta mais barrenta na explosão
da chuva gorda?

Já te estranham, meu Chico. Desta vez,
encolheste demais. O cemitério
de barcos encalhados se desdobra
na lama que deixaste. O fio d'água
(ou lágrimas?) escorre

entre carcaças novas: é brinquedo
de curumins, os únicos navios
que aceitas transportar com desenfado.
Mulheres quebram pedra
no pátio ressequido
que foi teu leito e esboça teu fantasma.

Não escutas, ó Chico, as rezas músicas
dos fiéis que em procissão imploram chuva?
São amigos que te querem,
companheiros que carecem
de teu deslizar sem pressa
(tão suave que corrias,
embora tão artioso
que muitas vezes tiravas
a terra de um lado e a punhas
mais adiante, de moleque).
É gente que vai murchando
em frente à lavoura morta
e ao esqueleto do gado,
por entre portos de lenha
e comercinhos decrépitos;
a dura gente sofrida
que carrega (carregavas),
no teu lombo de água turva,
mas afinal água santa,
meu rio, amigo roteiro
de Pirapora a Juazeiro.
Responde, Chico, responde!

Não vem resposta de Chico,
e vai sumindo seu rastro
como o rastro da viola
se esgarça no vão do vento.
E na secura da terra
e no barro que ele deixa
onde Martius viu seu reino,

na carranca dos remeiros
(memória de outras carrancas
há muito peças de *living*),
nas tortas margens que o homem
não soube retificar
(não soube ou não quis? paciência),
nos pilares sem serviço
de pontes sobre o vazio,
na negra ausência de verde,
no sacrifício das árvores
cortadas, carbonizadas,
no azul, que virou fumaça,
nas araras capturadas
que não mandam mais seus guinchos
à paisagem de seca
(onde o tapete de finas
gramíneas, dos viajantes antigos?),
no chão deserto, na fome
dos subnutridos nus,
não colho qualquer resposta,
nada fala, nada conta
das tristuras e renúncias,
dos desencantos, dos males,
das ofensas, das rapinas
que no giro de três séculos
fazem secar e morrer
a flor de água de um rio.

NUM PLANETA ENFERMO

*A culpa é tua, Pai Tietê? A culpa é tua
se tuas águas estão podres de fel
e majestade falsa?*

MÁRIO DE ANDRADE
(*Meditação sobre o Tietê*)

Cai neve em Parnaíba,
noiva branca.
Vem dos lados de Pirapora do Bom Jesus.
Presente de Deus, com certeza,
a seus filhos que jamais viram Europa.
Ou talvez cortesia do Prefeito?

Moleques, brinquem na neve pura e rara.
Garotas, não tenham cerimônia.
Cai neve em Parnaíba, é promoção.
O senhor que é tabelião, o dr. promotor
por que não vão fazer bonecos dessa neve
especial, que reacende
o espírito infantil?

Correm todos a ver a neve santa,
a alvorejar em sua alvura.
Olha a rua vestida de sonho,
olha o jardim envolto em toalha de nuvens,
olha nossas tristezas lavadas, enxaguadas!
O professor chega perto e não se encanta.
Esse cheiro... diz ele. Realmente,
quem pode com esse cheiro nauseante?

A neve foi malfeita, não se faz
neve como em filmes e gravuras.
E me dói a cabeça, diz alguém.
E a minha também, e o mal-estar
me invade o corpo. Desculpem se vomito
à vista de pessoas tão distintas.

Envenenada morre a flor-de-outubro
no canteiro onde o branco
deixa uma escura marca de gordura.
Marcadas ficarão
as casas coloniais da Praça da Matriz
tombadas pelo IPHAN?
A pele dos rostos mais limpinhos
— ai Rita, ai Mariazinha —
cheira a óleo queimado.

Estranha neve:
espuma, espuma apenas
que o vento espalha, bolha em baile no ar,
vinda do Tietê alvoroçado
ao abrir de comportas,
espuma de dodecilbenzeno irreduzível,
emergindo das águas profanadas
do rio-bandeirante, hoje rio-despejo
de mil imundícies do progresso.

Pesadelo? Sinal dos tempos?
Jeito novo de punir cidades, pois a Bíblia
esgotou os castigos de água e fogo?
Entre flocos de espuma detergente
vão se findar os dias lentamente
de pecadores e não pecadores,
se pecado é viver entre rios sem peixe
e chaminés sem filtro e monstros multinacionais,
onde quer que a valia
valha mais do que a vida?

Minha Santana pobre de Parnaíba,
meu dorido Bom Jesus de Pirapora,
meu infecto Anhambi de glória morta,
fostes os chamados
não para anunciar uma outra luz do dia,
mas o branco sinistro, o negro branco,
o branco sepultura do que é cor, perfume
e graça de viver, enquanto vida
ou memória de vida se consente
neste planeta enfermo.

KREEN-AKARORE

Gigante que recusas
encarar-me nos olhos,
apertar minha mão
temendo que ela seja
uma faca, um veneno,
uma tocha de incêndio;
gigante que me foges,
légua depois de légua,
e se deixo os sinais
de minha simpatia,
os destróis: tens razão.
Malgrado meu desejo
de declarar-te irmão
e contigo fruir
alegrias fraternas,
só tenho para dar-te
em turvo condomínio
o pesadelo urbano
de ferros e de fúrias
em contínuo combate
na esperança de paz
— uma paz que se esconde
e se furta e se apaga
medusada de medo,
como tu, akarore,
na espessura da mata
ou no espelho sem fala
das águas do Jarina.

AS ARCAS E OS BAÚS

Não canto
as armas e os barões assinalados.
Canto
as arcas e os baús de Minas Gerais
já sem ouro e diamantes,
sem escrituras de terras e escravos,
sem belbutinas, veludos,
chamalotes,
rendas.

Canto
as arcas e os baús despojados
de turvos segredos familiares,
mas guardando ainda e sempre
um não sei quê de eterno,
a respiração discreta, o silêncio,
a vida recolhida
dos mineiros do Setecentos,
que Iara Tupinambá, o lindo nome,
veio mostrar na Galeria Chica da Silva
recriando com flores? criando
o tempo-e-alma em forma de objeto.